

HENRI BERGSON E WALTER BENJAMIN, EXPERIÊNCIA COMO CONCEITO ALARGADO DO ESPÍRITO HUMANO: CRÍTICA À NOÇÃO KANTIANA DE EXPERIÊNCIA

HENRI BERGSON AND WALTER BENJAMIN, EXPERIENCE AS A BROAD CONCEPT OF THE HUMAN SPIRIT: CRITICISM OF THE KANTIAN NOTION OF EXPERIENCE

*Edenilson Roberto Pinto**

Resumo: Este artigo tem por objetivo aproximar o conceito de experiência, tanto na filosofia benjaminiana, quanto na filosofia bergsoniana. Ressaltaremos alguns aspectos que se convergem e se aproximam intimamente e, conseqüentemente, como crítica epistemológica ao conceito kantiano e da filosofia moderna de experiência associada somente aos sentidos, aos fenômenos físicos da natureza.

Palavras-Chave: Experiência. Intuição. Arte. Alargamento.

Abstract: This article aims to approximate the concept of experience, both in Benjaminian philosophy and in Bergsonian philosophy. We will highlight some aspects that converge and closely approximate themselves and, consequently, as an epistemological criticism of the Kantian concept and of modern philosophy of experience associated only with the senses, with the physical phenomena of nature.

Keywords: Experience. Intuition. Art. Enlargement.

Introdução

Tanto Henri Bergson quanto Walter Benjamin postulam uma filosofia potencialmente capaz de abrir-se para a compreensão de uma experiência que se relaciona ao espírito do homem, a partir da qual o próprio homem seria capaz de entrar em contato não apenas com a realidade física da natureza, mas, metafisicamente, com aquilo que na natureza quanto na cultura há de espiritual e, em última instância, de religioso, de místico.

Dito isto, Bergson e Benjamin acabam elaborando uma reflexão crítica da filosofia de Emanuel Kant, em que postulamos encontrar o paradigma mais abrangente, ou, alargado, da compreensão de experiência. Compreensão aprisionada, historicamente aos conceitos e as categorias das noções positivistas e mecanicistas do século XX.

* Graduado e licenciado em filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Licenciado e Mestre em Teologia pelo Institut Notre-Dame de Vie na França. Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. Atualmente exerce a função de Vigário Episcopal para Assuntos Pastorais na Diocese de Lins, Estado de São Paulo. Pároco da Matriz de Santa Luzia na cidade de Promissão, interior de São Paulo.

1. Henri Bergson e Walter Benjamin: experiência e conhecimento, na perspectiva de alargamento.

Para Henri Bergson tal conceito de “*experiência alargada*” está no coração de sua “*metafísica empirista*”, ou, “*filosofia bergsoniana da religião*”, que propõe um modo de conhecimento de Deus e do cosmos, evitando uma compreensão reducionista e intelectualista face à uma ontologia suprema e abstrata, caindo na dissolução de um discurso puramente racional, sem fundamentos empíricos, ou, então, contrariamente, diluindo-se numa reflexão teológica intelectualista e dissecada de experiência ética e moral.

Em Bergson, introduzir a mística na reflexão filosófica significaria uma probabilidade de ressignificar a intuição como um método filosófico possivelmente capaz de transtornar (*bouleverser*) os conceitos filosóficos internos, bem como o próprio sentido de conhecimento filosófico, aceito pela maioria dos acadêmicos da época de Bergson e de Benjamin.

Segundo Bergson, a intuição, pautada na experiência mística, e, não a razão - matemática e lógica -, seria um instrumento, um modo de conhecimento do objeto, provavelmente – probabilidade -, capaz de abarcar a totalidade do objeto, distinguindo e conciliando tanto os aspectos sensíveis e físicos, bem como os aspectos “suprafísicos” ou espirituais, resultando numa certeza epistemológica: “*Il n’y a pas d’autre source de connaissance que l’expérience. Mais, comme la notation intellectuelle du fait dépasse nécessairement le fait brut, il s’en faut que toutes les expériences soient également concluantes et autorisent la même certitude. Beaucoup nous conduisent à des conclusions simplement probables. Toutefois les probabilités peuvent s’additionner, et l’addition donner un résultat qui équivaille pratiquement à la certitude*»¹. Eis uma compreensão de experiência – supra intelectual - que Emanuel Kant jamais postulou em seu próprio sistema filosófico.

Já para Walter Benjamin, o conceito de “*experiência alargada*” seria um dos maiores compromissos da filosofia contemporânea, já que o desafio consiste em elaborar fundamentos epistemológicos a partir dos quais seja possível se pensar um conceito superior de experiência, que, segundo Benjamin, aproveitaria aspectos do próprio sistema

¹ BERGSON, H. Les deux sources de la morale et de la religion. Presses Universitaires de France, 33 Edition, 1941, p. 263.

kantiano, sem, todavia, repetir o erro de Kant². O filósofo Kant, segundo Benjamin, participou de uma tendência de pensamento na qual apenas uma pequena parte do conteúdo da experiência - a realidade sensível do objeto - era suscetível de transformar-se em conhecimento.

Por isso que, introdutoriamente, ressaltamos em Walter Benjamin uma crítica ao conceito de experiência, enraizado nesse sistema de conhecimento, cuja pretensões de positividade, ou, representação que esse sistema nos oferece, tanto de um eu quanto de um conhecimento sensível, é uma “*construção mitológica*” como outra qualquer, no entanto mais empobrecida.

E, enfaticamente, Walter Benjamin assinala que a “*experiência kantiana, no que tange à representação ingênua de uma recepção de percepções, é metafísica ou mitologia, e, em especial, uma metafísica ou mitologia modernas especialmente infecundas religiosamente*”³.

2. A crítica benjaminiana ao conceito de experiência kantiana.

No que tange à reflexão crítica de Walter Benjamin acerca do conceito de experiência, a filosofia deveria encontrar uma esfera autônoma de conhecimento em que não estão já definidos a priori os conceitos de objeto e sujeito e, conseqüentemente, a relação entre eles. E essa esfera autônoma de conhecimento requer uma “purificação” da teoria do conhecimento que, para Benjamin, Emanuel Kant começou a desenvolver, mas que deve ser continuada a partir não só de um novo conceito de conhecimento, como, requer igualmente, um novo conceito de experiência.

Um novo conceito de conhecimento e de experiência, segundo Benjamin, asseguraria não só a possibilidade lógica de uma metafísica, quanto permitiria a filosofia de abordar racionalmente essa esfera autônoma de conhecimento – alargado -, tanto do conhecimento, quanto da experiência em questão. Todavia, o discurso filosófico desta natureza só se concretiza, para Benjamin, quando se considera na metafísica o poder que ela tem de relacionar, através de ideias, a totalidade da experiência com o conceito de Deus.

² BENJAMIN, W. Sobre el programa de la filosofía futura. Tradução de: VERMENGO, R. J. Caracas: Editorial Arts, 1982, p. 8-9.

³ Ibid. p. 11.

Partindo desse princípio, Walter Benjamin ressalta que: “a tarefa da filosofia vindoura pode conceber-se como a de descobrir ou criar um conceito de conhecimento que torne possível não somente a experiência mecânica, mas também a experiência religiosa. Não se pretende dizer com isso que se poderá chegar ao conhecimento de Deus, mas sim que há de fazer-se possível sua experiência e a teoria que a ele se refere”⁴.

Ora, para Benjamin, o conjunto das categorias kantianas deve ser revisado, pois, nessas categorias somente a experiência mecânica é postulada como um único modo de conhecimento, não levando em conta outras experiências de domínio de conhecimento como os da arte, da história e da religião.

Tendo essa compreensão alargada de conhecimento e de experiência que vai além – meta - do físico e do sensível, Walter Benjamin defende que a filosofia deva-se orientar não de forma unilateral à matemática e à mecânica, conforme propõe exclusivamente Kant, mas deveria recorrer ou se vincular à linguagem. E, por fim, Benjamin ressalta que “Kant não advertiu de modo algum o fato de que todo conhecimento filosófico tem sua única expressão na linguagem e não em fórmulas e números”⁵.

3. A crítica bergsoniana ao conceito de experiência kantiana

Com relação a Henri Bergson, percebemos que sua crítica à forma pela qual Emanuel Kant concebe o conhecimento e a experiência, desenvolve-se num sentido semelhante ao que relatamos na crítica benjaminiana. Para o filósofo da “*durée*”, Kant, em relação à ciência, concebe o conhecimento como uma espécie de matemática universal e, em relação à filosofia, concebe-o como um sistema único de ideias *a priori*, semelhante ao sistema platônico.

Segundo Henri Bergson, Emanuel Kant inevitavelmente acaba aprisionando o movimento do real numa “*rede montada antecipadamente*” e considera a experiência deste real de uma forma reduzida e relativa. Para Bergson, a filosofia tem a tarefa de conhecer empiricamente a realidade, desde que o filósofo se atenha, ao mesmo tempo, ao aspecto intuitivo da experiência captada pelo espírito humano.

Nesse sentido, a experiência, tal como Bergson a compreende e apreende, não pode ser entendida apenas na concepção kantiana, isto é, enquanto resultante de uma

⁴ Ibid. p. 12-13.

⁵ Ibid. p. 16.

intuição apenas dos sentidos que, unida à razão, nos faria conhecer as coisas – objetos - de modo relativo, superficial e imperfeito.

Em Henri Bergson, evolutivamente percebemos em suas obras “*Evolução Criadora*” e “*As Duas Fontes da Moral e da Religião*”, um “*alargamento*” da significação, tanto do conceito de experiência, quanto da noção de intuição. Na perspectiva bergsoniana, devemos pensar que à experiência sensível, ligada à matéria, se compõe a experiência do que há de espiritual na realidade e que à intuição sensível se une a intuição intelectual, ou seja, espiritual.

Eis o que Bergson escreve sobre a perspectiva kantiana: “*uma vez negligenciada a ligação da ciência e da metafísica à intuição intelectual, Kant não tem dificuldade em mostrar que nossa ciência é totalmente relativa e nossa metafísica totalmente artificial*”⁶.

Doravante, a reflexão filosófica deve, segundo Bergson, ultrapassar essa perspectiva reducionista de conhecimento e, conseqüentemente, o filósofo deve parar de traduzir as coisas (os objetos) em conceitos estáticos e numéricos, para experimentá-las em seus “*devires*” contínuos e dinâmicos, por meio da intuição.

Somente mergulhando, nesta perspectiva bergsoniana, que compreenderemos a crítica que o filósofo da “*evolução*” e da “*durée*” faz ao sistema kantiano de conhecimento e de experiência: “*é relativo o conhecimento simbólico por conceitos preexistentes que vai do fixo ao movente, mas não o conhecimento intuitivo que se instala no movente e adota a própria vida das coisas. Esta intuição atinge um absoluto*”⁷.

4. Considerações finais

Tanto Henri Bergson quanto Walter Benjamin criticam a noção de conhecimento e de experiência desenvolvidas por Kant. Este artigo não teve a pretensão hermenêutica de abordar em profundidade tal crítica. Isto demandaria uma incursão minuciosa nas obras bergsonianas e benjaminianas.

Contudo, diagnosticamos breve e superficialmente que Benjamin e Bergson, por meio da linguagem, afirmam que todas as coisas têm sua linguagem própria e comunicam seus conteúdos espirituais por meio dela.

⁶ BERGSON, H. Cartas, conferências e outros escritos. Traduções de: LEOPOLDO E SILVA, F. e CAIXEIRO, N. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 36. (Coleção Os Pensadores).

⁷ Ibid. p. 33.

Um estudo minucioso poderia se desencadear a partir desta reflexão, cujo objetivo foi apenas de ressaltar a crítica bergsoniana e benjaminiana de conceito kantiano de experiência, imposto, quase que universalmente, na compreensão da arte e na análise antropológica que podemos intra-dialogar com universo místico ou dos fenômenos religiosos.

Por meio de uma linguagem filosófica alargada, o mais simples objeto às mais complexas manifestações da vida espiritual do homem, tudo deve ser “*experenciado*” como uma espécie de linguagem.

Linguagem, então, significa, particularmente para Walter Benjamin, conforme suas próprias palavras: “*O princípio de comunicação de conteúdos espirituais nos objetos em questão: na técnica, na arte, na justiça ou na religião. Em resumo, toda comunicação de conteúdos espirituais é linguagem. (...) Não há acontecimento ou coisa na natureza animada ou inanimada que não participe de alguma forma da língua, pois é essencial a toda coisa comunicar seu próprio conteúdo espiritual*”⁸.

Para Walter Benjamin, ao nomear filosoficamente as coisas, o homem deve sempre perguntar-se de que seres espirituais elas são as expressões imediatas e procurar realizar a experiência destes seres em suas linguagens próprias. Somente tendo como suporte essa experiência espiritual, o nome ganha sua plena significação na medida em que para Benjamin, a filosofia entra em contato com as essências das coisas que se comunicam na língua.

No entanto, Walter Benjamin assinala que as essências espirituais das coisas, enquanto perceptíveis ao homem, não podem de nenhuma forma ser tomadas como expressões de “*coisas em si*”. Importante percebermos que Walter Benjamin não defende que o conhecimento ou a experiência das coisas em si nos seja possível. Benjamin propõe que eles se dão, conhecimento e experiência, a partir somente do que no ser espiritual das coisas é comunicável ao homem pela língua.

Buscamos expor, na expressão francesa do termo, *en passant*, alguns dos muitos desdobramentos da noção de experiência na filosofia da linguagem de Walter Benjamin e, procuramos, igualmente, delinear como a mesma noção é refletida por Henri Bergson em alguns de seus textos.

E, na medida do possível, aludimos algumas comparações análogas, com a abordagem benjaminiana. Henri Bergson também busca ampliar – alargar - o horizonte

⁸ BENJAMIN, W. Sobre el language en general y sobre el language de los hombres. Tradução de: VERMENGO, R. J. Caracas: Editorial Arts, 1982a, p. 139.

através do qual a filosofia, especialmente a kantiana, considerava a noção de experiência reduzida ao seu aspecto puramente físico e material.

Em Henri Bergson, para além da experiência dos sentidos, é possível a experiência intelectual daquilo que há de espiritual na realidade. Ele nos fala, em seus textos - “*Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*” e nas “*As Duas Fontes da Moral e da Religião*” -, da importância dos dois tipos de experiência.

O primeiro, sendo realizado com fins utilitários, acaba deixando de lado a própria essência do real, que é movimento e criação contínua. Desta experiência só surgem conhecimentos que fundamentam conceitos racionais necessários à ciência, mas dos quais, para Henri Bergson, a filosofia (metafísica) deve se desvencilhar para fazer-se plena, abrangente (*élargie*).

E é neste sentido que Bergson quer vinculá-la ao segundo tipo de experiência, que se tece a partir do próprio movimento do real, do devir contínuo da matéria e do espírito da natureza. Já que a realidade se manifesta tanto no seu aspecto material, quanto no seu aspecto espiritual.

Por fim, postulamos que, tanto para Henri Bergson, quanto para Walter Benjamin, ambos querem reaproximar a filosofia da concretude do real e distanciá-la das representações por conceitos generalistas da razão. Esta reaproximação, no entender dos dois filósofos em questão, só é possível se, para cada objeto que desejarmos conhecer, fizermos uma experiência individualizada, intuitiva, que se coloca no próprio objeto e que não busca analisá-lo em função de algo já dado.

Tanto para Benjamin quanto para Bergson, eles postulam a necessidade de renovação incessante da experiência, pois só através dela há realmente conhecimento. Por isso, Henri Bergson e Walter Benjamin criticam veemente uma tradição filosófica que, para conhecer as coisas, sempre admite algo dado pela razão como princípio, anterior à própria experiência.

Nessa perspectiva, podemos afirmar, sem margem de equívoco epistemológico e hermenêutico, que, ambos os filósofos, se aproximam, na medida que eles defendem que somente através da experiência há conhecimento. E que de fato é necessária uma experiência exclusiva para cada realidade, já que cada uma teria uma língua própria, cuja comunicabilidade se identifica através de seus respectivos fenômenos: espirituais - linguagem, artes, religião e cultura - e físicos - materiais e sensoriais.

Referências

BENJAMIN, W. *Sobre el programa de la filosofia futura*. Tradução de: VERMENGO, R. J. Caracas: Editorial Arts, 1982.

_____. *Sobre el language en general y sobre el language de los hombres*. Tradução de: VERMENGO, R. J. Caracas: Editorial Arts, 1982.

_____. *Obras Escolhidas*. Volume I. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. 8ª Edição, São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Obras Escolhidas*. Volume II. Rua de Mão única. Tradução de: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6 Edição, São Paulo : Brasiliense, 2012.

BERGSON, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Presses Universitaires de France, 33 Edition, 1941.

_____. *Cartas, conferências e outros escritos*. Traduções de: LEOPOLDO E SILVA, F. e CAIXEIRO, N. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 36. (Coleção Os Pensadores).

Recebido em: 22/04/2021

Aprovado em: 30/09/2021